

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A tarde Class.: PAR 00088
Data: 01/09/89 Pg.: _____

Imobiliária e Tribo Pataxó disputam uma mesma área de terra

Santa Cruz Cabrália (Texto de Marcelo Jatobá, da Sucursal Extremo Sul) — Um grave conflito de terra envolvendo índios Pataxós, da Aldeia Coroa Vermelha, neste município, e a Imobiliária Centauro poderá causar mortes se algo não for feito para resolver a questão, tendo em vista que os índios estão sendo expulsos de áreas que seriam de propriedade da imobiliária.

Para o cacique Benedito Alves do Espírito Santo, à frente do comando da aldeia há cerca de quatro anos, o que está acontecendo é uma ilegalidade, uma vez que "nós estamos nesta área desde 1972 e trata-se de uma terra devoluta onde existem 100 ocas."

A área pleiteada pelos índios Pataxós possui cerca de 77 hectares, começando no Rio Mutari, e estendendo-se até a Ponta do Mutá — que faz a divisa dos municípios de Santa Cruz Cabrália e Porto Seguro — num total de três quilômetros de praia, abrangendo inclusive o local onde foi rezada a Primeira Missa no Brasil.

Além desta área de terra que está em conflito, a Funai e o Interba estão pleiteando para os índios de Coroa Vermelha mais cerca de 1.450ha, distantes cerca de três quilômetros da aldeia, a fim de que os índios possam plantar. Essa área destinada aos índios para a agricultura pertence, segundo informações, à Góes Cohabita, Brasil Colônia e Vale do Rio Doce.

Os índios da aldeia de Coroa Vermelha, que vivem exclusivamente de artesanato e pesca, estão dispostos a

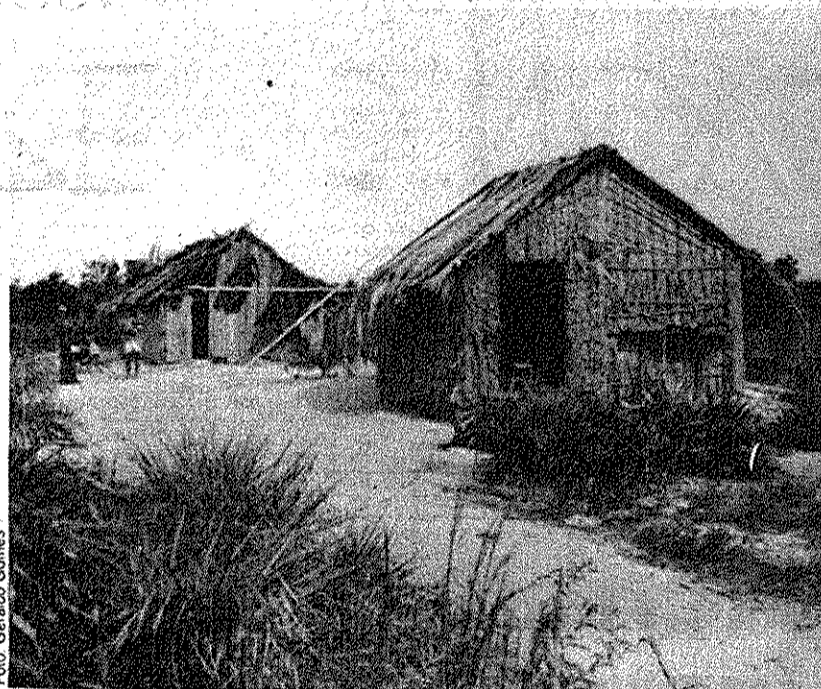


Foto: Geraldo Gomes

Casas dos índios na área em conflito

lutar pelas terras que dizem pertencer a eles, inclusive a maioria deles está armada com borduna e facão segundo informa Crispinho Nicasso, parente do cacique Benedito Alves do Espírito Santo, dizendo que "da nossa terra não sai ninguém. Ou morre todo mundo ou ninguém sai!"

Além de serem ameaçados todos os dias pela Imobiliária Centauro, segundo denunciaram, os índios estão sendo impedidos de circular livremente

por cercas de arame farpado, além de valetas profundas cavadas para impedir que veículos entrem ou saiam da aldeia. Os índios informam que "se algo não for feito, imediatamente, para acabar com o problema nós iremos interditar a estrada que liga Porto Seguro a Santa Cruz Cabrália."

O PRIMEIRO ÍNDIO

O primeiro índio a habitar a área de conflito, a partir de 1972, foi Itambé Pataxó que saiu da área da Reserva Indígena de Monte Pascoal, próximo ao Rio Caraiva, a fim de trabalhar em uma fazenda de propriedade do tenente Ribeiro, como ele mesmo diz. "Quando eu cheguei para Coroa Vermelha não existia nada, a área era devoluta e a partir da minha chegada comecei a trazer meus parentes para esta região, entretanto só em 1979 é que começamos ser molestados pela imobiliária, que até hoje tenta nos expulsar da nossa terra, porque mesmo antes de Cabral chegar ao Brasil nós estávamos aqui e por isso a terra é nossa e daqui ninguém sai", enfatizou.

Casado com Maria José da Conceição, com oito filhos, sendo sete kitokos (homens) e uma kitoki-ré (mulher), Itambé Pataxó, com 55 anos de idade, gozando de boa saúde diz que os índios ali instalados estão preservando a cultura e a natureza do local porque "se nós formos expulsos provavelmente todos os índios se dispersarão e a natu-

reza será destruída para construção de casas, o que já está acontecendo no local."

Por outro lado informa ainda que já receberam propostas de indenização, a fim de que saíssem da área "porém nós não temos condições de ir para a cidade e nem nós queremos sair daqui para lugar nenhum. Daqui nós só saímos para o nosso cemitério, que já está sendo também ameaçado pela construção de casas por pessoas que compraram lotes da Imobiliária Centauro".

Há algum tempo os índios decidiram que ninguém mais iria construir casas na área que foi quase que totalmente loteada pela imobiliária e, para conseguir isso, eles impedem, de todas as formas, que qualquer caminhão deposite no local, areia, lajotas, cimento e qualquer outro tipo de material de construção. A atitude tomada pelos índios da aldeia de Coroa Vermelha deve-se ao fato de se sentirem prejudicados com a construção de 40 casas na área e a cada dia que passa este número aumenta ainda mais.

Para Giuseppe Souza, delegado regional da Funai, em Eunápolis, a desapropriação dessa área deve ser feita para que os índios possam ficar nela, caso contrário o governo não conseguirá evitar um grande conflito social — Giuseppe Souza disse que já informou o fato à Superintendência da Funai, em Recife, e faz um apelo aos órgãos estadual e federal para que resolvam, de uma vez por todas, o problema pois a Funai não tem condições e nem

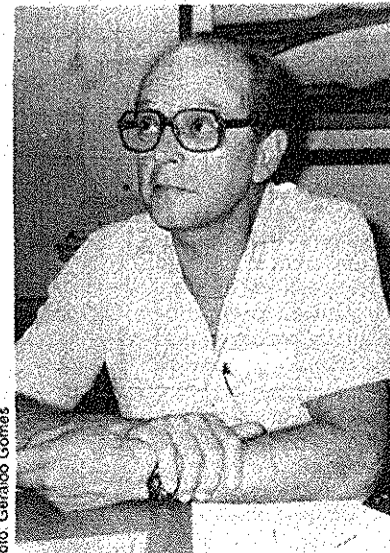


Foto: Geraldo Gomes

José Armando Ribeiro Martins, dono da Imobiliária.



Foto: Geraldo Gomes

Itambé Pataxó, primeiro índio a chegar na área

mesmo poder para decidir quem fica na área: se os índios ou a imobiliária.

PINTA, NINA E SANTA MARIA

Por outro lado, José Armando Ribeiro Martins, proprietário da Imobiliária Centauro, informa que "o terreno onde estão os índios Pataxós pertencia à União que doou, posteriormente, para o Governo do Estado e este, com a criação do município de Santa Cruz Cabrália, fez a doação para o município que o aforou para várias pessoas. Em 1979 nós compramos os lotes das pessoas que eram proprietárias do terreno e apresentamos, na prefeitura de Santa Cruz Cabrália, um projeto de loteamento urbano de acordo com a lei, porém os índios já estavam no local."

O projeto de loteamento proposto pela Imobiliária Centauro tem três loteamentos que levaram os nomes das naus comandadas por Cristóvão Colombo quando descobriu a América: Pinta, Niña e Santa Maria. O Loteamento Pinta, de acordo com informações de José Martins, foi anulado pela SPHAN "uma vez que continha dados técnicos não-recomendáveis e não por ilegitimidade da propriedade". Os loteamentos Niña e Santa Maria possuem, respectivamente, 182 e 404 lo-

tes que variam de 360m² a 600m², sendo que cerca de 60% estão totalmente vendidos.

Centenas de proprietários, segundo esclarece José Martins, estão com suas escrituras legalmente registradas em cartório e são, verdadeiramente, donos dos terrenos adquiridos através da imobiliária, porém estão temerosos com os fatos que acontecem no local, temendo algum tipo de represália por parte dos índios. O proprietário da imobiliária também acredita que poderá haver morte no local, tendo em vista que a situação fica difícil a cada dia que passa, entretanto ele não entende "o que os índios estão fazendo ali? Naquela área o terreno é areoso e não serve para plantar, sendo uma área urbana e fonte de turismo".

"A Funai é a grande causadora deste problema porque incentiva os índios a ficarem no local e o problema maior não é o índio em si, mas sim os seus parentes, em boa parte brancos, que ficam tumultuando a situação", disse José Martins. Segundo ele "já existem pessoas de sua confiança em Brasília, a fim de resolver o problema em nível federal, uma vez que os clientes estão revoltados porque não estão podendo usufruir dos lotes que compraram à beira-mar e no local onde foi rezada a Primeira Missa no Brasil."

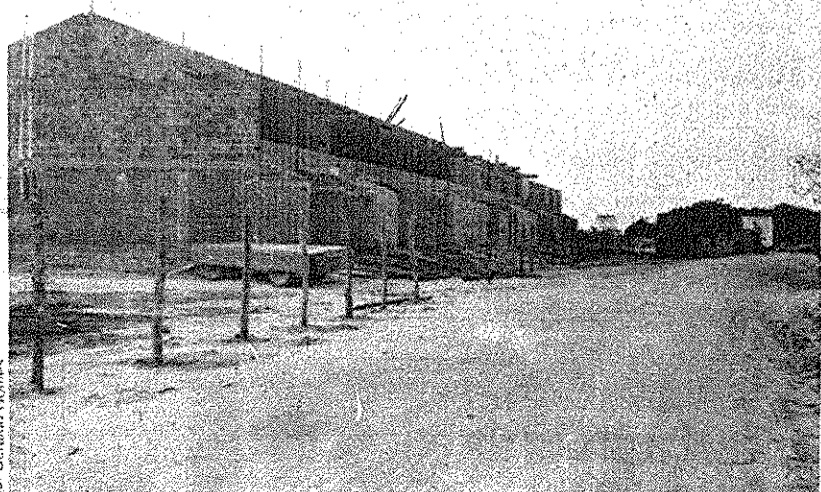


Foto: Geraldo Gomes

Construção na área em conflito